

* **Artigo original**

Os diferentes usos do vídeo no cuidado à saúde materno-infantil

Mariana Bteshe

Mestre em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ, doutoranda do PPGICS/ICICT/Fiocruz e psicóloga.
marianabteshe@gmail.com

Prof.Dr. Carlos Estellita-Lins

Pesquisador do LABCITIES/ICICT/Fiocruz, coordenador do grupo de prevenção do suicídio e psiquiatra.
cefestellita@alternex.com.br

DOI:10.3395/receis.v5i2.497pt

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar os distintos modos de uso da imagem - fotografia, filme ou vídeo - já utilizados por clínicos e pesquisadores como ferramentas de pesquisa no âmbito da saúde mental infantil. O tema mostrou-se oportuno, tendo em vista o crescente uso de técnicas audiovisuais nas pesquisas experimentais e nas diferentes propostas de atenção à saúde mental infantil. A análise aqui desenvolvida parte do vértice dos estudos psicanalíticos e do estabelecimento de quatro grandes categorias que marcaram o uso da imagem em movimento no referido campo de estudo, são elas: vídeo como veículo prioritário de denúncia sobre os efeitos da separação precoce durante a Segunda Grande Guerra; o uso de vídeos em pesquisas experimentais com o intuito de produzir conhecimento científico (primatologia, protocolos específicos, desenvolvimento); a produção e uso de vídeos como parte de uma intervenção diagnóstica ou terapêutica; e o resgate de filmes familiares como material de apoio ao diagnóstico e ao tratamento de crianças/adultos com graves transtornos mentais.

Palavras-chave: Vídeo. Saúde Materno-Infantil. Saúde Mental. Metodologia de Pesquisa. Terapêutica.

Introdução

Tendo em vista o crescente uso de técnicas audiovisuais nas pesquisas experimentais e nas diferentes propostas de atenção a saúde mental infantil, mapearemos neste artigo os diferentes caminhos traçados por pesquisadores e clínicos que utilizaram a fotografia, o filme ou o vídeo como ferramentas de pesquisa na saúde mental infantil. Não se trata de uma investigação histórica, mas de um panorama não exaustivo que chega até os anos 80-90, buscando reconsiderar as pesquisas com imagem na área materno infantil com interesse pela subjetividade.

Muitos destes pioneiros foram psicanalistas. É bastante surpreendente que isto seja pouco destacado, ensinado ou estudado. A provisoriedade das hipóteses psicanalíticas e sua frequente inserção em controvérsias, ouro puro, tende a ser apresentada sob denegação, como se a psicanálise tivesse a unidade de uma disciplina hierática, monolítica e sectária. Seu distanciamento do debate científico não é verdadeiro senão apenas no quesito despreparo dos chefes de escola. O uso de imagens em pesquisa psicanalítica desde a década de 40 desmente a exclusividade do divã como laboratório experimental. O interesse por imagens e pesquisa com filmes não pode ser considerado um perigoso psicologismo contaminando a *Tiefpsychologie*, mas talvez ao contrário, um território onde se disputou a hegemonia de modelos observacionais do desenvolvimento de crianças. Além dos psicanalistas, devemos mencionar especialmente alguns etnógrafos, psicólogos, etologistas/primatologistas e inclusive cineastas- realizadores que estiveram envolvidos com a questão. A história da psicanálise e especialmente o estudo do desenvolvimento infantil encontram-se no centro desta tecnologia imagética, em franca expansão na época, que já havia sido utilizada em etnografia desde o estudo de Malinowski entre os argonautas Tobriandeses. Margareth Mead também representa um momento crucial, bastante inaugural para o culturalismo anglo-saxão com seu estudo etnográfico-fotográfico intitulado "Balinese Character", que privilegia bastante crianças com suas mães na vida da aldeia. O cinema etnográfico, tornado irmão do documentário moderno a partir da invenção do Nagra, é um importante representante destas iniciativas de pesquisa.

Na psicanálise, podemos situar as controvérsias sobre a relação objetal precoce como uma cesura

epistemológica de repercussão considerável pois trazia obrigatoriamente à cena um bebê observável¹. Estes esforços investigativos, junto com a perspectiva interessada no desenvolvimento infantil compuseram um cenário propício para a construção de um novo lugar social para a criança que incluía novos esforços teóricos e iniciativas de pesquisa adotando a observação mediada por instrumentos e registros foto-cinematográficos.

Foi somente a partir destas investigações sobre a interação comportamental e afetiva precoce, que surgiram inúmeros questionamentos quanto à legitimidade da imagem tradicional de um pequeno ser humano, inicialmente caracterizado apenas por suas habilidades biológicas, somente capaz de produzir reflexos "imatuross". Como conseqüência, o bebê, que antes era representado simplesmente como lactente apassivado que emergia vez ou outra de um sono fetal, passou a figurar como alguém sensível ao meio externo e apto a interagir à sua maneira com este meio-ambiente. Lembremos que a noção de meio externo e de ecologia também se modificava, especialmente no sentido de uma ecologia psíquica onde a mãe se tornaria uma "especialização" do *environment*. Como nos lembra Golse (2003), "no momento em que se concede ao bebê, enfim, oficialmente o direito à vida psíquica, se é obrigado a conceder-lhe o que aí está inerente, quer dizer, o "direito" ao sofrimento e à loucura" (p. 14). Na tradição freudiana havia *quid juris* uma vida psíquica do bebê, mas ela não existia de fato. Esta vida mental era inacessível através do tratamento psicanalítico e portanto também inacessível ao conhecimento psicanalítico. A hipótese de uma relação de objeto precoce inaugura o acesso a uma vida psíquica de direito e também de fato. Seria importante observar que as imagens não substituem a arqueologia espontânea do consultório mas funcionam como operadores conceituais para alguns impasses do processo transferencial. São tidas por imagens que portam problemas, como experimentos. Não ambicionam reconstruir a vida psíquica em sua complexidade, mas auxiliar em sua reconstituição arqueológica. Este tipo de imagem-conceito adquire um estatuto semiótico complexo que demanda investigação.

Se, hoje, especialistas no desenvolvimento humano atribuem uma importância significativa aos três primeiros anos de vida da criança, reconhecendo-os como um momento de plasticidade cerebral e de ancoragens simbólicas decisivas, deve-se, sobretudo àqueles que ousaram a se aventurar não apenas na clínica da primeira infância, mas no trabalho de observação e pesquisa experimental da interação cuidadores-criança. O tributo à estas iniciativas é devido e contudo raramente reconhecido.

Este campo de investigação, inicialmente praticado no âmbito médico da psiquiatria infantil e da pediatria, apenas de modo recente teve seus limites ampliados, sobretudo na medida em que a díade cuidador-bebê se tornou ponto de interesse. Segundo Estellita-Lins (2003), foi somente ao longo do pós-guerra que a visada sobre a gênese da subjetividade deslocou seu interesse do indivíduo para esse novo foco: a relação entre infante e cuidador. A fenomenologia husserliana guarda uma tensão entre intersubjetividade e gênese subjetiva, assim como se pode situar quase todos os teóricos psicanalistas que participam do debate Anna Freud/Melanie Klein em algum ponto deste espectro. Cabe esclarecer que fica exclusivamente em consideração a díade cuidador-cuidado, a ser estudada como um acontecimento principal qualquer que seja a opção teórica (incluindo aquelas mais monológicas ou solipsistas).

Na apresentação das pesquisas com imagem na infância, investigaremos a perspectiva dos estudos psicanalíticos que, embora deliberadamente distanciados da realidade empírica e dos registros de evidência em função da orientação metodológica da metapsicologia freudiana pela realidade psíquica, representam bastante significativamente o impasse acerca da objetividade-verdade da imagem adotada como ferramenta de pesquisa. Especialmente o privilégio da relação intersubjetiva, seja para afirmar a mônada ou para contradizê-la, foi importante naquele panorama. Igualmente o problema da divulgação científica da técnica e de sua busca de prestígio como ferramenta investigativa. Sabemos o quanto o campo biomédico soube aproveitar-se das tecnologias de imagem para a prática clínica e de pesquisa.

Para tanto, assinalaremos quatro grandes categorias que marcaram o uso da imagem em movimento no campo de estudo em questão, a saber: vídeo como veículo prioritário de denúncia sobre os efeitos da separação precoce durante a Segunda Grande Guerra; o uso de vídeos em pesquisas experimentais com o intuito de produzir conhecimento científico (etologia-primatologia, protocolos específicos, desenvolvimento); a produção e uso de vídeos como parte de uma intervenção diagnóstica ou terapêutica; e o resgate de filmes familiares como material de apoio ao diagnóstico e ao tratamento de crianças/adultos com graves transtornos mentais.

OS PRIMEIROS REGISTROS AUDIOVISUAIS: UTILIZAÇÃO DA IMAGEM COMO VEÍCULO DE DENÚNCIA DOS EFEITOS DA SEPARAÇÃO PRECOCE NA CRIANÇA

Pode-se localizar o início de uma mudança no olhar acerca dos primeiros anos de vida da criança, principalmente nos países anglo-saxões e na França, durante e após a Segunda Guerra Mundial,

período no qual houve um número considerável de perdas para as famílias. Frente a esse panorama de profunda desagregação social, a problemática da falta, da insuficiência de interações e suas implicações para o ser humano começaram a ser debatidas. (ESTELLITA-LINS, 2001) A partir de meados dos anos 40, incentivadas pela Organização Mundial de Saúde, foram empreendidas inúmeras investigações sobre a relação mãe-filho e os efeitos de sua interrupção ou descontinuidade precoce para o desenvolvimento infantil (BTESHE, 2008). Os relatórios de John Bowlby e de Anna Freud são exemplos conhecidos.

Além dos psiquiatras, pediatras e dos puericultores, um importante movimento psicanalítico se orientou para realizar observações diretas em creches e orfanatos, movido não somente pelo reconhecimento da importância das experiências afetivas precoces, mas por um crescente interesse sobre a desorganização psíquica infantil face à determinadas circunstâncias críticas afetando o cuidado materno-infantil.

Dentre as pesquisas realizadas, podemos destacar aquelas de Anna Freud e Dorothy Burlingham, que criaram em 1941, o Hampstead War Nursery, um abrigo voltado para receber temporariamente 190 bebês e crianças vítimas da situação de guerra. Ambas viram nesta experiência uma oportunidade de observar de perto os efeitos da privação de cuidados primários, com o intuito não apenas de acolher estas crianças, mas também pesquisar novos métodos de cuidado visando à prevenção em saúde mental. De acordo com Midgley (2007), Anna Freud e Burlingham acabam por fundar o primeiro local voltado para a pesquisa observacional naturalística de crianças, lançando as bases da teoria e prática de observação direta na psicanálise. Como veremos adiante, os primeiros registros de imagens de crianças a que temos acesso, sobretudo os filmes do casal James e Joyce Robertson, estão intimamente relacionados ao trabalho de Freud e Burlingham neste ambiente de pesquisa.

Foi também neste período que se inscreveram as formulações de René Spitz ([1945]1979) sobre os distúrbios somáticos no início da infância, evidenciados a partir de modificações nas relações objetais. Em seu trabalho, o autor associou os conceitos psicanalíticos aos métodos experimentais de investigação psicológica, utilizando técnicas inéditas de observação e registro, tais como: grades de observação e filmes. Interessado pelos estágios ditos pré-verbais, herdeiro de uma tradição psicanalítica, Spitz mudou seu foco de investigação da escuta para aquilo que era aparente. Assim, interessou-se na observação do corpo do bebê: movimento, gesto, olhar e expressão, procurando os principais indicadores de saúde psíquica e de desenvolvimento da criança.

A plataforma de observação na qual Spitz organizou seu trabalho com crianças e bebês foi constituída explicitamente como um campo visual em que tudo girava em torno de olhares e toques como estímulos para a organização do espaço social, e a observação visual como fonte de dados. Com isso, Spitz quebrou com pelo menos duas proibições da prática psicanalítica: a proibição de contato físico entre o analista e o analisando; e a proibição de fazer o paciente estabelecer um contato visual e um diálogo corporal com o analista. (CARTWRIGHT, 2004, p. 41).

Inicialmente, as filmagens de Spitz² e Wolf tinham como objetivo documentar um projeto de pesquisa, eles conduziram um estudo entre 1936 e 1940 com 164 crianças que estavam internadas, durante o primeiro ano de vida, num berçário de uma prisão na Argentina e em um orfanato no México. Diante das situações clínicas observadas, Spitz pouco intervém nos primeiros filmes, procurando manter um protocolo de pesquisa isento e distanciado. Entretanto, como assinala Cartwright (2004) podemos acompanhar o modo como Spitz começa a se interessar pelos assuntos que extrapolam sua pesquisa original. Ele experimenta interagir com algumas crianças a fim de interromper o doloroso processo que se desenrola ali de modo evidente. Spitz se engaja em trocas de olhares e em seguida mantém alguma troca de contato físico: levanta as crianças do berço e as acaricia.

Figura 1: René Spitz



Fonte: PSYCHOGENIC disease in infancy. Produção: Rene A. Spitz.[S.l.: s.n.], 1952. son., p&b. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/PsychogenicD>>. Acesso em: 5 maio 2011.

Somente no pós-guerra, Spitz e Wolf notaram a riqueza daquele material. Perceberam que suas gravações para além de constituírem registros do estudo, poderiam ter a função de mobilizar os profissionais de saúde para o impacto da privação de cuidados no desenvolvimento da criança pequena.

Junto a psicóloga vienense Katherine Wolf, Spitz produziu horas de material de pesquisa (sua coleção totaliza 1.876 rolos de filme) que documentava as circunstâncias de crianças que viviam em berçários de penitenciárias estaduais e em orfanatos nas regiões da América do Norte, Central, e América do Sul. Filmado na década de 1930, este material foi reciclado e transformado no pós-guerra em 11 filmes didáticos, com o intuito de promover a reforma no cuidado de bebês e crianças institucionalizadas. (CARTWRIGHT, 2004, p. 38).

Spitz ([1945]1979) pretendia alertar que a insuficiência qualitativa e mesmo quantitativa de investimentos afetivos minimamente estáveis, poderia causar efeitos desastrosos para o desenvolvimento infantil em sua totalidade. No decorrer dos estudos notou que algumas crianças pequenas, mesmo quando bem cuidadas fisicamente no orfanato apresentavam dificuldades no desenvolvimento social, afetivo e motor. Faltava-lhes apetite, não ganhavam peso e, em longo prazo, perdiam o interesse por se relacionar, o que por vezes levava ao óbito³. Percebeu, ainda, que o cuidado materno substituto dispensado a elas por cuidadores institucionais se resumia quase sempre à alimentação e aos cuidados corporais básicos. Destaca-se através das filmagens que quase tudo ocorria de forma mecânica, não havendo qualquer sinal de afeto, fosse através do toque, do embalo ou das palavras.

Da série de 11 filmes, dois ganharam notoriedade: "Grief: a peril in infancy" (38 min), de 1946, que trazia 6 casos de crianças com depressão anaclítica, e "Psychogenic Disease in Infancy" (19min)⁴ de 1952, que ilustra quadros de doenças psicogênicas associando a separação precoce e chamando atenção para uma possível nosologia das patologias psíquicas da primeira infância. Os filmes divulgados, legendados em mais de três idiomas diferentes, continham cenas bastante chocantes de sofrimento de crianças pequenas. Uma preocupação importante de Spitz, quando os disponibilizou para a OMS transformando-os em material didático, foi orientar quanto à utilização daquelas imagens. Ele recomendava que apenas os profissionais envolvidos na assistência a primeira infância deviam assistir aos vídeos, propondo ainda que sua exibição fosse acompanhada de aulas teóricas e discussão. Possivelmente acontecia uma primeira tomada de consciência acerca de aspectos de ética em pesquisa utilizando imagens, indo ao encontro de antropólogos sociais preocupados com a espetacularização de experiências ou culturas consideradas exóticas, bizarras ou limite.

Os vídeos de Spitz e Wolf, assim como os relatos de observação direta de Anna Freud e Burlinghan, tiveram um papel decisivo na discussão que se procedeu no campo das políticas públicas de saúde mental infantil, permitindo que grandes mudanças ocorressem nas estruturas dos hospitais pediátricos e orfanatos. Vale ressaltar que a política dos hospitais pediátricos proibia a visita dos pais durante a semana, visando uma suposta esterilidade bacteriológica do ambiente hospitalar. O contato entre as cuidadoras e crianças institucionalizadas também era regulado, com o objetivo de minimizar qualquer relação mais próxima, sendo que até 1930 não havia qualquer questionamento sobre os efeitos destas práticas em sujeitos institucionalizados (FITZGERALD; BARTON, 2000; CARTWRIGHT, 2004).

Seguindo esta mesma trilha, o casal James e Joyce Robertson produziu uma série de filmes na Hampstead War Nursery apoiados nas teorizações de Anna Freud e John Bowlby. James e Joyce conheceram-se na faculdade e juntos foram trabalhar no abrigo fundado por Freud e Burlinghan.

Curiosamente, James que era assistente social era o único homem que fazia parte da equipe. No pós-guerra, James aproximou-se de Bowlby e seus estudos sobre a ligação que une o bebê a sua mãe (apego ou *attachment*), desenvolvidos principalmente na Clínica Tavistock. Após participar durante dois anos da pesquisa observacional de Bowlby em um hospital infantil, James se sente compelido a sair da posição pretensamente neutra de pesquisador e fazer alguma coisa por aquelas crianças. Decide, assim, filmar junto com Joyce todo o processo de internação de uma criança pequena, com o intuito de chamar a atenção da Sociedade Britânica de Psicanálise, mesmerizada na ocasião pelo embate entre dois modelos metapsicológicos que privilegiavam a mãe ou a criança respectivamente. Prevendo o impacto do filme, Bowlby alertou Robertson para a importância de planejar seu primeiro filme, visando respeitar as questões éticas implícitas em seu projeto. A criança foi escolhida aleatoriamente e as filmagens foram realizadas sempre no mesmo período do dia.

O filme "A two year goes to the hospital" (40 min), mudo e em preto e branco, mostra o impacto da perda e o sofrimento de uma menina diante da separação de seus cuidadores primordiais. No filme, Laura tem 2 anos e fica no hospital por 8 dias para um pequeno procedimento cirúrgico. O filme tenta mostrar como ela não foi capaz de compreender a ausência repentina da mãe. Diante da ausência de uma figura de cuidado regular e apoio estável, muitas enfermeiras trocam sucessivamente de turnos, e Laura torna-se progressivamente abatida e quieta. Quando a mãe retorna, algo teria acontecido pois Laura parece não mais confiar em sua mãe.

Figura 2: "A Two Year Goes to the Hospital"



Fonte: ROBERTSON, James. **A two year-old goes to hospital.** [S.l.: s.n], 1952. Disponível em: <<http://www.robertsonfilms.info/>>. Acesso em: 12 maio 2011.

Quando exibido na Sociedade Britânica de Psicanálise, o filme não causou grande comoção sendo basicamente interpretado em termos de fantasias inconscientes da menina diante da gravidez de sua mãe. No meio médico, junto com o filme de 1942 de Spitz, o filme-manifesto de Robertson foi alvo de grande debate. A ilustração da perturbação crescente em crianças precocemente separadas de sua família chocou pesquisadores e médicos, que não concordavam com as imagens mostradas pelo casal de cineastas-pesquisadores. Entretanto, apoiado por Bowlby e Anna Freud, o casal Robertson inicia um novo projeto de uma série de cinco filmes sobre a extensão do estresse causado pela separação de crianças pequenas ("Young Children in Brief Separation"), que ilustram vivamente os efeitos emocionais previstos pelos pesquisadores da Clínica Tavistock (Bowlby, Mary Ainsworth, etc.). Dessa série de filmes, "Jonh, Aged Seventeen Months, for Nine Days in a Residential Nursery" (43 min), filmado em 1969, foi o filme que ganhou maior repercussão, tendo inclusive sido eleito para fazer parte da publicação: "100 British Documentaries: BFI Screen Guide" de 2007. O casal Robertson permaneceu por mais de 30 anos numa incansável campanha na Inglaterra pela mudança das políticas quanto à institucionalização e à hospitalização de crianças pequenas. Devemos aos seus filmes algumas substanciais modificações que herdamos.#

Os estudos sobre o apego transformaram ulteriormente a relação da mãe com a criança em realidade científica e a constituíram como objeto de pesquisa empírica disseminada – uma experiência corriqueira antes considerada simples passa ao centro das preocupações investigativas (ESTELLITA-LINS, 2003). As contribuições dos estudos da Teoria do Apego, na qual os vídeos ganharam relevo, são inegáveis, assim como a contribuição das tecnologias de imagem acabarão impulsionando estes protocolos.

De fato, o reconhecimento dos fatores afetivo e interativo como alguns dos elementos do desenvolvimento humano, não apenas deu ênfase às idéias de cuidado substituto e prevenção em saúde mental das crianças pequenas, como também possibilitou a criação de políticas públicas

voltadas para as mães e seus bebês (LEBOVICI; SOULÉ, 1980). Paulatinamente, o interesse científico foi estendido até a compreensão das sutilezas da relação mãe e bebê, o que acabou por inaugurar a psiquiatria do bebê como novo campo de atuação.

Não se poderia deixar de notar alguma semelhança com o movimento do cinema direto e cinema-verdade, que ganha corpo a partir dos anos 50 sob uma perspectiva diferente do documentário. Como vimos, a câmera era utilizada não somente como uma forma de registrar as pesquisas realizadas, mas de documentar a realidade em curso, no intuito de denunciar situações desconhecidas ou ignoradas. O audiovisual para essa primeira geração de pesquisadores de bebês aparece como um meio de intervenção social, mais do que um registro da realidade criado com fins didáticos. O uso posterior dos filmes deixados por Spitz e pelo casal Robertson acabaram adquirindo uma face de registro histórico, contudo não se pode esquecer que a idéia inicial de ambos era justamente chamar a atenção para os efeitos devastadores da guerra na subjetividade humana.

ENTRE O BEBÊ-REFLEXO E O BEBÊ-COMPETENTE: AS IMAGENS DAS PESQUISAS EXPERIMENTAIS

Apesar de todo o interesse a respeito da subjetividade infantil ter sido consolidado no pós-guerra, foi somente entre os anos 70 e 80 que pesquisadores e clínicos na Europa e Estados Unidos se associaram para compartilhar os recentes achados em relação às competências interativas dos recém-nascidos. Em saúde pública pode-se reconhecer um panorama de interesse pela relação mãe-bebê em franca interlocução com a psicanálise, a psiquiatria e as neurociências, que se dedica a formas múltiplas de pesquisa (ESTELLITA-LINS, 2003). Com o avanço viabilizado pelos progressos científicos e tecnológicos – dentre eles o advento da ultra-sonografia e o uso de técnicas microanalíticas através de vídeo – foi possível a evolução das pesquisas observacionais e experimentais que acompanhavam o desenvolvimento do feto desde a gestação até os primeiros anos após o nascimento.

Estes esforços tem resultado em uma grande quantidade de dados novos sobre os fenômenos objetivos da vida do bebê (WANDERLEY, 1997). Diferente de Spitz e Robertson que estavam interessados pela vulnerabilidade da criança e pelo papel do ambiente, pesquisadores como Brazelton ou Stern investiram no estudo das competências do bebê através do uso de imagens, voltando-se para o âmbito da saúde e da capacidade precoce de se adaptar a determinadas situações. A figura do bebê deixa de ser associada a uma existência frágil e passiva, para ganhar uma nova roupagem. Começa-se a admitir que o bebê não é somente capaz de se engajar afetivamente numa relação, como pode por vezes modular seu ritmo. Como nos lembra Lebovici (1983), trata-se agora de uma dança a três, ou seja, o passo de qualquer dos parceiros tem um papel importante.

O rosto, a expressão facial, a orientação, o toque e a vocalização tornam-se áreas de interesse privilegiado no interior deste território. Seu estudo contribui para ampliar os conhecimentos da organização afetivo-gestual do esquema motor humano. A diferença entre a contração motora e o movimento com intenção de comunicação tende a ser reconhecida como relevante pela maioria dos investigadores, ainda que o estatuto desta diferença se mostre difícil de circunscrever teoricamente. Protocolos de investigação denominados de microanálise analisam observações capturadas por meios especiais permitindo inferir algumas constantes nos comportamentos intersubjetivos observados. Este método utiliza registros analógicos ou digitais com tratamento laboratorial empregando *software* específico para observação da banda sonora e decupagem detalhada dos fotogramas. (ESTELLITA-LINS, 2003).

Em 1973, Brazelton publica a escala de Escala Neonatal de Avaliação Comportamental, onde sistematiza os quatro estágios de desenvolvimento do bebê a partir de suas interações, apostando que esse instrumento fosse utilizado como forma de intervenção para ajudar os pais a compreenderem e a relacionarem-se melhor com os seus bebês. Em 1974, Brazelton junto com Tronick e Field, propôs que uma filmagem da interação mãe e bebê, a partir de 2 meses de idade, num ambiente controlado, permitiria não somente analisar os pequenos movimentos interativos face a face deste último, como também a imagem poderia ser utilizada como uma ferramenta para fortalecer o vínculo. Seu experimento compreendia filmar duas situações diferentes: uma "normal", na qual bebê e mãe interagem reciprocamente face-a-face; e outra na qual a mãe permanece sem nenhuma expressão facial, violando uma interação com o bebê, mesmo diante das tentativas de interação dele. Conhecido como *still-face paradigm*, este protocolo de pesquisa aponta para a capacidade de direcionamento e fixação do olhar e a qualidade das expressões faciais como resposta de interação social do bebê. As análises incidiram sobre a regulação das emoções, a estimulação, a atenção e o tempo. O uso de vídeo mostrou-se oportuno além de enriquecedor neste procedimento de avaliação, pois permitiu que cada detalhe fosse analisado quadro a quadro. O estudo detalhado possibilitou identificar e codificar os ciclos de atenção e as atitudes de desengajamento tanto do comportamento infantil como do comportamento materno (LESTER, 2010).

Figura 3: *Still-Face Paradigm*



Fonte: GUEDENEY, Antoine. The era of video in infant mental health. In: AKKO WAIMH REGIONAL CONFERENCE, [2009], [Acre, Israel]: [s.n.], [2009]. Disponível em: <[http://infant-mh.co.il/attachments/article/12/The Era of Video - A. Guedeney.ppt](http://infant-mh.co.il/attachments/article/12/The_Era_of_Video_-_A._Guedeney.ppt)>. Acesso em: 17 maio 2011.

Brazelton apropriou-se de tal maneira do uso de imagens em suas pesquisas, que em 1984, criou uma série de sucesso para a TV a cabo, nomeada de "What every baby knows", tendo inclusive merecido o prêmio Emmy em 1994. Diante da câmera, Brazelton intercalava closes da criança apontando para questões de seu desenvolvimento com entrevistas com os pais. Bem próximo do modelo proposto por Winnicott⁶ em 1950 ou por Françoise Dolto mais tarde, que orientavam os cuidadores primários num programa de rádio, as imagens das relações entre pais e bebê ganham aqui um status de vídeo educativo. Estudos mais recentes com protocolos de imagem com Hobson ou Trevarthen e colaboradores irão utilizar o *still-face paradigm* em vários tipos de intervenção laboratorial.

Os experimentos de microanálise psicanalítica da díade realizados por Daniel Stern (1985) também revolucionaram o entendimento sobre o bebê. Na tarefa de investigar quando e como se daria o surgimento de uma vida interpessoal e de avaliar suas possíveis implicações clínicas e teóricas, o autor propõe unir as contribuições de dois campos diferentes que por muito tempo permaneceram apartados: o das pesquisas experimentais sobre recém-nascidos e suas potencialidades, e o das inferências clínicas psicanalíticas acerca da experiência subjetiva infantil. Ao apostar em um método de observação sistemática do diálogo comportamental que se instaura, logo nos primeiros dias de vida, entre mãe e recém-nascido, Stern critica as pesquisas de mensuração de comportamento isolado do bebê para a construção do conhecimento sobre suas potencialidades. Isto porque o bebê desde o nascimento parece já estar experimentando de forma emergente oportunidades diferentes de experiência subjetiva, mesmo que desintegradas.

Nesse panorama, Stern adota uma metodologia que enfoca, através da análise de vídeos, os aspectos qualitativos da passagem de uma habilidade do bebê a outra e a participação dos adultos para que estas atividades se dêem. Como efeito, padrões de interação social têm sido associados ao desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança pequena. Em um estudo de gêmeos de 3 meses e meio Stern pratica a metodologia microanalítica para demonstrar o surgimento de importantes diferenças em situações que seriam consideradas irrelevantes no que concerne ao cuidado materno e à relação intersubjetiva (STERN, 1971). Observe-se que estamos bastante longe das iniciativas pioneiras de Arnold Gesell, que buscava registrar meticulosamente o desenvolvimento da criança, contudo independentemente de suas experiências de vida e de suas interações principais com os cuidadores. Cumpre inclusive notar que um dispositivo laboratorial semelhante a um iglu esquimó para observação e filmagens ganha seu nome – o domo ou esfera de Gesell.

A utilização de vídeos em pesquisas experimentais com bebês irá inaugurar uma fase promissora para a compreensão da vida psíquica dos bebês. O vídeo como instrumento para ler as particularidades das interações da díade, torna-se um recurso técnico especial que promove algumas intervenções correlatas, além de assumir seu potencial de ferramenta de treinamento e supervisão indispensável no enquadre clínico.

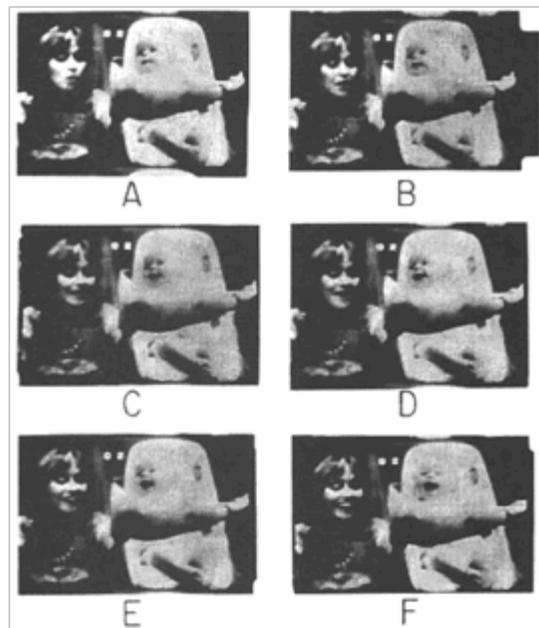
VÍDEOS COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA

É interessante percebermos que tanto Brazelton quanto Stern, ambos dedicados à clínica, estão na fronteira entre o uso do vídeo como pesquisa experimental visando conhecer as potencialidades do recém-nascido e o uso da imagem como estratégia de intervenção clínica. Desde então, pode-se dizer que "em psicoterapia, a gravação de vídeo tem sido descrita como um veículo único para a discussão de problemas, por fornecer um efeito de distanciamento" (MOURA; SILVARES, 2008, p.

145), o que significa que há um interesse crescente na utilização do vídeo para que se possa tematizar, sublinhar ou reapresentar situações de interação não percebidas. Ao mesmo tempo que este recurso permite que se repense estratégias de cuidado, os pais também passam a ter sua própria expertise reconhecida e valorizada. Dentre os inúmeros clínicos que utilizaram o vídeo como parte do processo terapêutico, podemos destacar o trabalho pioneiro de Beatrice Beebe e de Serge Lebovici.

Beebe (2005) foi pioneira no uso de *videofeedback* na terapia de pais e bebê com distúrbios precoces. Ela desenvolveu um modelo de terapia breve psicanalítica, na qual a comunicação face-a-face entre mãe e bebê é gravada durante a sessão com duas câmeras, uma no rosto de cada parceiro e parte superior do corpo, com o intuito de discutir as interações não-verbais posteriormente com os pais. As sessões ocorriam em um laboratório e a instrução para o cuidador era de interagir com a criança exatamente como na vida cotidiana. Após as filmagens as duas imagens eram reunidas em uma única exibição através de um software. A autora consegue fornecer novos usos à microanálise da interação, ao perceber que a imagem mostrada aos pais permitia que refletissem mais profundamente sobre o modo como se relacionam com seus bebês em diferentes situações. A pesquisadora notou ainda que a prática de discutir as imagens após as sessões, nomeada de *videofeedback*, também ajudava a fortalecer a aliança terapêutica uma vez que coloca os pais como parceiros ativos do tratamento.

Figura 4: *Videofeedback* de Beatrice Beebe



Fonte: BEEBE, Beatrice. Coconstructing mother - infant distress: the microsynchrony of maternal impingement and infant avoidance in the face-to-face encounter. **Psychoanalytic Inquiry**, v. 20, p. 421-440, 2000. Disponível em: <<http://www.pep-web.org/document.php?id=pi.020.0421a>>. Acesso em: 22 maio 2011.

Desde então, o processo de *videofeedback* tem se mostrado ferramenta muito valiosa, sendo utilizado atualmente como adjuvante da psicoterapia de bebês, e também de pré-escolares com problemas de conduta e crianças com comportamento opositivo-desafiador e agressividade (MOURA; SILVARES, 2008)7.

Lebovici ([1983]1987), por sua vez, influenciado pelos estudos científicos sobre as potencialidades do recém-nascido, retomou de maneira original seu trabalho acerca dos fantasmas parentais, ressaltando como ocorriam na própria interação comportamental observável. Desta forma, percebeu a importância da presença dos três protagonistas para viabilizar qualquer consulta terapêutica. Quanto aos pais, é importante fazê-los falar sobre o sintoma que os preocupa e escutá-los contar sua própria história, o que permite a evocação de suas fantasias projetadas sobre o bebê. Já este último, por ser capaz de acompanhar o valor afetivo das palavras, pode atuar como agente de uma modalidade específica de transferência, podendo ele próprio conferir aos pais uma modificação de seu status.

Figura 5: Lebovici em uma consulta terapêutica com pais e bebê



Fonte: Fivaz-Depeursinge, Élisabeth e Corboz-Warnery, Antoinette .Serge Lebovici et la triade. , *Spirale* v 1, n 17, p. 69-73, 2001. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-spirale-2001-1-page-69.htm>>. Acesso em: 22 maio 2011.

Lebovici gravava todas as suas consultas terapêuticas, utilizando as imagens para ilustrar sua técnica inovadora de identificação empática com a tríade (bebê, mãe e pai), a qual afirmava pertencer à esfera dos afetos e das emoções primitivas. Seus vídeos hoje compõem um rico acervo de imagens acerca das diferentes psicopatologias precoces do bebê , incluindo intervenções terapêuticas possíveis (Faurie, 2001). Muitas circunstâncias clínicas da criança pequena têm sido exploradas com este tipo de enquadramento.

Nas propostas de uso do audiovisual como coadjuvante do enquadre terapêutico, pode-se supor que o vídeo também comparece como um importante veículo informativo, de fácil aplicação e baixo custo. Por exemplo, encontramos propostas nas quais o vídeo informativo é uma metodologia de intervenção preventiva precoce nas situações de risco potencial, tal como em uma internação em UTI neonatal, recém-nascidos pré-termo, etc. (BRUM et al, 2007).

ESTUDOS DE VÍDEOS FAMILIARES: UM OLHAR RETROSPECTIVO PARA OS TRANSTORNOS PERVASIVOS DO DESENVOLVIMENTO

Nos últimos anos, durante o processo diagnóstico de transtornos pervasivos do desenvolvimento, observou-se que os vídeos caseiros de situações informais dos primeiros meses de vida da criança podem trazer informações importantes. As festas de primeiro aniversário costumam fornecer dicas diagnósticas relevantes quando há suspeita clínica de autismo. Por outro lado, naqueles já diagnosticados como portadores de autismo, percebe-se o potencial destes registros que poderiam ser tornar recurso para microanálise ou observação de bebês. Alguns estudos demonstram que estes vídeos podem ser documentos a se utilizar clínica e experimentalmente por permitir o acesso ao comportamento do bebê e sua família em ambiente naturalístico, tornando-se importante instrumento de investigação e fonte de informação sobre indicadores precoces de alguns transtornos do desenvolvimento.

Cabe destacar que transtornos pervasivos do desenvolvimento podem comprometer a qualidade das expressões consideradas nas relações sociais (olhar, expressão facial), interação que poderia ser observada nestes vídeos familiares já aos 12 meses de idade. Por exemplo, é crescente o consenso de que a falha no desenvolvimento da atenção compartilhada possa constituir um sinal precoce do dano autístico.

O reconhecimento precoce do risco de desenvolvimento de um quadro autístico adquire importância no sentido de permitir o início intervenções menos atrasadas ou descompassadas. Identificar e intervir clinicamente em torno desses sinais em bebês parece contribuir para a minimização do sofrimento da família, para o desenvolvimento da capacidade de cuidar e também para a formação

dos profissionais de saúde e de educação, na medida em que eles se tornam mais vigilantes e familiarizados com os possíveis sinais de risco de autismo.

Entretanto, o uso destes recursos subestimados implica em alguns inconvenientes. Sempre se deve lembrar que estas filmagens não foram realizadas com nenhum objetivo técnico instrumental, o que acarreta limitações metodológicas importantes. Frequentemente são registros unilaterais da criança, em situações atípicas, com baixa qualidade de imagem e especialmente de som. É indispensável uma equipe transdisciplinar para a análise destes vídeos, posto que muitas pesquisas em saúde mental com crianças nos trazem exemplos bem sucedidos do encontro de iniciativas investigativas de origem epistemológica distinta a partir de objetivos comuns (ESTELLITA-LINS, 2003). Nesse sentido, não seria possível substituir ou ignorar estudos que prestam auxílio na discussão da metodologia de análise de vídeo a partir dos dados obtidos neste tipo de experiência, dentre eles destacam-se Adams-Curtis (2000), Weinberg e Tronick (1996) e Mendelsohn (2005) que propõem recursos paradigmáticos de observação e análise de imagens.

Além de auxiliar pesquisas sobre intervenção precoce dos transtornos pervasivos do desenvolvimento, notou-se que a análise retrospectiva destes vídeos caseiros junto com os pais também pode auxiliar no processo de discussão do diagnóstico e muito especialmente na construção conjunta de estratégias de cuidado com os familiares. Possivelmente a filmagem de transtornos do desenvolvimento constitui uma ferramenta inestimável, tornando estes vídeos, portanto, uma importante estratégia de intervenção terapêutica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No intuito de criar uma tipologia didática organizamos as iniciativas de pesquisa com imagens em quatro grandes blocos. Não pretendemos que esta análise seja histórica nem tampouco baseada em recursos tecnológicos, ao contrário, adotamos as teorias da subjetivação como fio condutor, pois verifica-se um sinergismo entre estas e os registros de cinema e vídeo. O vídeo como denúncia ou ativismo aparece de modo emblemático, representando um estrato de militância humanista que constrói o hospital contemporâneo, menos disciplinar e um pouco mais amigável com os pacientes. O laboratório, junto com o ideal de intervenção científica, irá resultar em alguns dispositivos circunstancialmente relevantes. Por outro lado, a psicoterapia acaba surpreendendo à medida que a intimidade recatada do *setting* passa a ser perscrutada por equipamentos de registro de imagem e som. Trata-se talvez de um certo tipo de analogia biomédica onde a imagem tem seu papel garantido. Por outro lado, as tecnologias que inundaram o planeta acabam por reter muito daquilo que na vida cotidiana não pode ser percebido. A recuperação deste material precioso, que representa um conjunto incomensurável de "documentos por atribuição", nos oferece outro aspecto do uso de imagens na saúde, - involuntário, arqueológico, aberto; podemos especular se a sociedade do espetáculo, que pretende trabalhar de modo acelerado e desvalorizado não acaba engendrando inscrições de outra natureza e dotadas de outro valor, ou pelo menos, de algum valor.

Os pesquisadores utilizam imagens de diversas maneiras... Porém é absolutamente certo que o uso da imagem em pesquisa voltada para a saúde materno-infantil vem crescendo e incorporando novos olhares.

Referências Bibliográficas

BEEBE, B. Brief mother–infant treatment: psychoanalytically informed video feedback. **Infant Mental Health Journal**, v. 24, n. 1, p. 24–52, 2003.

BRETHERTON, I. The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. **Developmental Psychology**, v. 28, p. 759-775, 1992.

BRUM, E. H.; SCHERMANN, L. Intervenção para promover a qualidade do vínculo mãe-bebê em situação de nascimento pré-termo. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 17, n. 2, p. 12-23, 2007.

BTESHE, M. **O cuidado à saúde materno-infantil e a psicanálise: uma interseção possível**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)-Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CARTWRIGHT, L. Emergencies of survival: moral spectatorship and the 'new vision of the child' in postwar child psychoanalysis. **Journal of Visual Culture**, v. 1, n. 1, p. 35-49, 2004.

ESTELLITA-LINS, C. E. F. A diáspora dos métodos de pesquisa em saúde mental da criança e da mulher. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio

de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.

FAURIE, B. Vidéo avec Serge Lebovici. **Spirale**, n. 17, p. 65-67, 2001.

FITZGERALD, H. E.; BARTON, L. R. Infant mental health: origins and emergence of an interdisciplinary field. In: OSOFSKY, J. D.; FITZGERALD, H. E. (Ed.). **WAIMH**

handbook of infant mental health vol. 1: historical, cultural, and international perspectives on infant mental health. New York: John Wiley & Sons, Inc, 2000.

GRIEF – a peril in infancy. Produzido por René A. Spitz. New York, 1946, (38 min), silent, B & W. In: Medical Films. **Canadian Medical Association Journal**, v. 79, p. 851, 15 nov. 1958.

GOLSE, B. **Sobre a psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LEBOVICI, S. **Bebê, a mãe e o psicanalista.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LEBOVICI, S.; SOULÉ, M. **O conhecimento da criança pela psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

LESTER, B. M. Changing paradigms. In: LESTER, B. M.; SPARROW, J. D. **Nurturing children and families: building on the legacy of T. Berry Brazelton.** West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

MIDGLEY, N. Anna Freud: the hampstead war nurseries and the role of the direct observation of children for psychoanalysis. **The International Journal of Psycho-Analysis**, v. 88, p. 939-959, 2007.

MOURA, C. B. D.; SILVARES, E. F. D. M. O uso de vídeo em intervenções clínicas com pais: revisão da literatura e hipóteses comportamentais sobre seus efeitos. **Psicologia: teoria e prática**, v. 10, n. 1, p. 144-161, 2008.

ROBERTSON, J.; ROBERTSON, J. John, aged seventeen months, for nine days in a residential nursery. In: RUSSELL, P. **100 british documentaries: BFI screen guides.** [S.l.]: British Film Institute, 2007.

SPITZ, R. **O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais.** São Paulo: Martins Fontes, 1979.

STERN, D. **O mundo interpessoal do bebê.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

STERN, D. A micro-analysis of mother-infant interaction: behaviours regulating social contact between a mother and her three-and-a-half-month-old twins. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v.10, p.501-17, 1971

Notas

As contribuições de Freud acerca da importância das primeiras relações do bebê com o mundo externo e com o seu próprio corpo são inegáveis e se difundiram tanto nas teorias psicanalíticas posteriores, quanto no próprio imaginário social da época. O interesse que movera Freud em direção à clínica com crianças tinha sido diferente, no entanto. As primeiras teorias sobre o desenvolvimento psíquico se estabeleceram a partir de uma visão retrospectiva do infantil e patomórfica, ou seja, como uma tentativa de encontrar durante os primeiros anos de vida os pontos de origem de fenômenos clínicos psicopatológicos (BTESHE, 2008).

Cabe lembrar que Spitz refugiado de Viena, passou pela Hungria e França, estabelecendo-se, por fim, em Nova Iorque como pesquisador.

Spitz estudou detalhadamente essa sintomatologia, classificando-a de acordo com a gravidade e irreversibilidade do quadro clínico. Entre os distúrbios psicossomáticos descritos pelo autor podemos apontar para a depressão anaclítica e o hospitalismo, que ainda hoje, são referências para a psiquiatria do bebê.

Disponível no seguinte endereço: <http://www.archive.org/details/PsychogenicD>.

A título de curiosidade, foram a partir destes experimentos que se percebeu a capacidade infantil precoce de se auto-confortar, uma importante maneira de auto-regulação. Alguns bebês mais resilientes diante da face paralisada da mãe, dedilham suas roupas, acariciam sua própria pele, procuram um objeto confortador, colocam o dedo na boca e até buscam ativamente a mão da mãe (BEBEE, 2003).

Através de palestras e programas em uma rádio, Winnicott empenhou-se em falar para aqueles que não eram

psicanalistas, mas lidavam diretamente com os recém-nascidos. Para atingir esse público, destacou, em uma linguagem acessível, as necessidades mínimas de todo bebê e sua relação com a saúde mental futura (TIZARD, [1986]2006).

Moura e Silveiras (2008), numa revisão sobre o uso do vídeo em intervenções clínicas com pais, apontam para 4 modalidades: vídeo como função de espelho; vídeofeedback; automodelação; videomodelação.